

Luis Henrique Almeida Castro
(Organizador)

Dinamismo e Clareza no Planejamento em Ciências da Saúde

5



Atena
Editora
Ano 2021

Luis Henrique Almeida Castro
(Organizador)

*Dinamismo e
Clareza no
Planejamento
em Ciências
da Saúde*

5

A stylized graphic of a hand holding a pen, with the hand and pen in black and the arm in white. The background features a repeating pattern of virus-like particles and molecular structures in shades of gray.
Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dinamismo e clareza no planejamento em ciências da saúde 5

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Luis Henrique Almeida Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D583 Dinamismo e clareza no planejamento em ciências da saúde
5 / Organizador Luis Henrique Almeida Castro. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-936-3

DOI 10.22533/at.ed.363210904

1. Saúde. I. Castro, Luis Henrique Almeida
(Organizador). II. Título.

CDD 613

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este e-book, como seu próprio título explicita, tem como foco o planejamento de ações nas ciências da saúde. Não obstante, planejar denota preparar um trabalho, ou um objetivo, de forma sistemática; ademais, a etiologia da palavra também conota uma ação, prática e/ou um resultado. Diante disso, a organização desta obra não poderia desconsiderar o contexto que envolve o planejamento estratégico em saúde; desta forma, os 106 trabalhos aqui contidos estão dispostos em 5 volumes que levam em conta justamente o processo construtivo de um plano: a análise científica e literária do caminho percorrido nas ciências da saúde até o momento está representada nos três primeiros volumes que, por sua vez, englobam estudos de revisão, relatos de caso e de experiência, além de pesquisas epidemiológicas; já os últimos dois volumes trazem ao leitor trabalhos que fornecem novas perspectivas de ação em saúde, desde a atenção básica até novos métodos de diagnóstico e tratamento, além de pesquisas qualitativas que tratam da sociologia inerente à prática em saúde, principalmente no Brasil.

Em nome da Atena Editora, agradece-se o empenho dos autores na construção dessa obra e explicita-se o desejo de que esta leitura contribua para a ampliação do conhecimento científico no intuito de inspirar novos estudos que tragam ainda mais resultados para o dinamismo e para a clareza no planejamento em ciências da saúde.

Boa leitura!

Luis Henrique Almeida Castro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

INTERVENCIÓN MUSICAL RÍTMICA EN LA CONCIENCIA FONOLÓGICA EN NIÑOS CON TRASTORNO ESPECÍFICO DEL LENGUAJE (TEL)

Jazmín Pérez-Serey

Francisca Carrasco Lavado

Danny Fernández Tapia

DOI 10.22533/at.ed.3632109041

CAPÍTULO 2..... 10

O EDUCAR-SE EM UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE IDOSOS A PARTIR DO APOIO SOCIAL

Ana Paula Ferreira Fidélix

Maria Waldenez de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3632109042

CAPÍTULO 3..... 26

O PSICÓLOGO NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA ESTUDANTES DE MEDICINA: A ESCOLHA DA ESPECIALIDADE MÉDICA

Lígia Gama e Silva Furtado de Mendonça

Álvaro Rafael Santana Peixoto

DOI 10.22533/at.ed.3632109043

CAPÍTULO 4..... 34

O USO DA CIÊNCIA DOS DADOS NA GESTÃO HOSPITALAR

Abel Brasil Ramos da Silva

Hemerson Bruno da Silva Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.3632109044

CAPÍTULO 5..... 41

O USO DO LÚDICO COMO MÉTODO ATIVO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE ALUNOS DE MEDICINA EM ESCOLA MUNICIPAL DE CURITIBA-PARANÁ

Patrícia Kanae Yamashita

Adriana Cristina Franco

Andressa Zilles

Dandara Viudes Lima Caldas

DOI 10.22533/at.ed.3632109045

CAPÍTULO 6..... 46

PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR: UM OLHAR HUMANIZADO DA FILARIOSE LINFÁTICA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Neidi Isabela Pierini

Felipe Flach

Júlia Ferraz

Luana Antochieviez de Oliveira

Vitória Abegg Kleveston

Elisete Elisabete Arend
Solange de Fatima Mohd Suleiman Shama
DOI 10.22533/at.ed.3632109046

CAPÍTULO 7..... 57

PROMOÇÃO DA SAÚDE DO HOMEM

Fernando Marcos Vieira Duarte
Maristela Dalbello-Araujo

DOI 10.22533/at.ed.3632109047

CAPÍTULO 8..... 70

RODA DE CONVERSA SOBRE ALEITAMENTO MATERNO E O DESMAME PRECOCE FUNDAMENTADA NA TEORIA INTERATIVISTA DE KING

Isabelle Cerqueira Sousa
Mikaelly Magno Bastos
Rafaela Rabelo Costa
Carla Monique Lopes Mourão

DOI 10.22533/at.ed.3632109048

CAPÍTULO 9..... 72

RODAS DE CONVERSA COMO FERRAMENTA DE ENSINO E CUIDADO NA UNIDADE PEDIÁTRICA

Adriane das Neves Silva
Cynthia das Neves Silva
Solange das Neves Silva
Vera Lúcia Quirino da Silva

DOI 10.22533/at.ed.3632109049

CAPÍTULO 10..... 81

PAY-FOR-PERFORMANCE SATISFACTION AND QUALITY IN PRIMARY CARE

Aida Isabel Tavares
Pedro Lopes Ferreira
Rui Passadouro

DOI 10.22533/at.ed.36321090410

CAPÍTULO 11 95

SAÚDE DA MULHER: AVALIAÇÃO DO PERFIL DE MULHERES QUE PARTICIPARAM DE UMA AÇÃO SOCIAL REALIZADA NO CONTEXTO DO OUTUBRO ROSA NA CIDADE DE ARAGUARI – MG

Arthur Carvalho Faria
Camila Pereira Fernandes
Caroline Pereira Fernandes
Danielle Fernandes Alves
Jhonatan Pereira Castro
João Paulo Assunção Borges
Karla Cristina Walter
Larah Correia Borges
Lincoln Rodrigues Fernandes Junior

Luiza Bensemann Gontijo Pereira
Paula Fleury Jubé Leal
Victor Costa Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.36321090411

CAPÍTULO 12..... 99

**SAÚDE DO HOMEM: AVALIAÇÃO DO PERFIL DOS TRABALHADORES EM UMA
EMPRESA NA CIDADE DE ARAGUARI – MG**

Cicera Saiane Amaral Souza
Danielle Fernandes Alves
Felipe Messias Boaventura Alves
Gabrielle Santiago Silva
Jhonatan Pereira Castro
Karla Cristina Walter
Leiliane Aparecida Vieira Delfino
Lincoln Rodrigues Fernandes Junior
Matheus dos Santos Meireles
Nathália Borges de Paiva
Pabline Vanin Claudino
Patrícia da Fonseca Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.36321090412

CAPÍTULO 13..... 102

**SENTIMENTOS VIVENCIADOS PELOS PACIENTES PORTADORES DE OBESIDADE
MÓRBIDA EM FILA DE ESPERA PARA CIRURGIA BARIÁTRICA**

Jefferson Ferreira de Araújo
Antônio Carlos Siqueira Júnior
Fernanda Paula Cerântola Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.36321090413

CAPÍTULO 14..... 118

SÍNDROME DE BURNOUT: UM MAL PARA OS PROFISSIONAIS

Elcilene da Silva França
Emilane Souza de Moura
Naily Lima D' Oliveira Ribeiro
Maria Patrícia Rodrigues da Silva Feliciano
Renata Kelly Costa do Amaral Soares

DOI 10.22533/at.ed.36321090414

CAPÍTULO 15..... 123

**SISTEMA DE SAÚDE NORTE-AMERICANO: TRAJETÓRIA HISTÓRIA E OS DESAFIOS
PARA O PRESENTE E O FUTURO**

Pamela Nery do Lago
Erlon Carlos Vieira
Flávia Cristina Duarte Silva
Luciana Moreira Batista
Luciene Maria dos Reis
Marlene Simões e Silva

Regina de Oliveira Benedito
Andréa Paula Dourado Vasconcelos
Irismar Emília de Moura Marques
Liane Medeiros Kanashiro
Lilian Maria Santos Silva
Manuela Amaral Almeida Costa

DOI 10.22533/at.ed.36321090415

CAPÍTULO 16..... 132

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM (SAE) COMO FERRAMENTA EFICAZ NA PREVENÇÃO E CORREÇÃO DAS INCAPACIDADES NO PACIENTE COM HANSENÍASE

Francinely dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.36321090416

CAPÍTULO 17..... 145

SOBRE O DESPERDÍCIO DE ALIMENTOS: RELAÇÃO ENTRE AS CAUSAS DE CONDENAÇÃO *POST MORTEM* DE FRANGOS E O BEM-ESTAR ANIMAL

Susana Regina de Mello Schlemper

Denise Maria Sousa de Mello

Wellington Thiago Molinetti

Valfredo Schlemper

Bruna Pereira

DOI 10.22533/at.ed.36321090417

CAPÍTULO 18..... 154

UM PROGRAMA EDUCATIVO FOCADO NO ESTILO DE VIDA DE PESSOAS PORTADORAS DE DIABETES SEGUIDAS EM CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS: DESENHO DE UMA INTERVENÇÃO COMPLEXA

Maria do Rosário Pinto

Ana Carolina Rei Fidalgo

Miguel Loureiro Neves

Pedro Miguel Santos Dinis Parreira

DOI 10.22533/at.ed.36321090418

CAPÍTULO 19..... 173

UTILIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE NA ANÁLISE ORÇAMENTÁRIA DE INTERNAÇÕES POR MORBIDADE EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE BELÉM/PA

Ysis Nayhara Raiol de Almeida

Brenda Caroline Martins da Silva

Flavine Evangelista Gonçalves

Gabriel dos Santos Pereira Neto

Glenda Roberta Oliveira Naiff Ferreira

Jhennifer Nycole Rocha da Silva

Joanny Emanuely Campos do Nascimento

Julielen Larissa Alexandrino Moraes

Nathália Oliveira de Souza

Valéria Gabriele Caldas Nascimento
Wanderson Santiago de Azevedo Junior

DOI 10.22533/at.ed.36321090419

CAPÍTULO 20..... 179

VIAS DE PARTO: ASPECTOS QUE INTERFEREM NA ESCOLHA FINAL DA GESTANTE

Luísa Castilho Amâncio
Carolina Ducarmo Jordão
Davi Borges de Carvalho
Nathália de Almeida França
Nelson Camilo Ribeiro Júnior
Pedro Augusto Silva Sinimbu
Ana Flávia Gonzaga Santos
Eliabe Roriz Silva
Jordana Daniella Inez da Silva
Jordana Diniz Ribeiro Firmo
Northon Oliveira Rocha Brito
Danielle Brandão Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.36321090420

CAPÍTULO 21..... 190

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NA PERCEPÇÃO DO AGENTE
COMUNITÁRIO DE SAÚDE**

Tháís Vicente Abreu
Maristela Cássia de Oliveira Peixoto

DOI 10.22533/at.ed.36321090421

SOBRE O ORGANIZADOR..... 202

ÍNDICE REMISSIVO..... 203

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NA PERCEPÇÃO DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 27/01/2021

Thaís Vicente Abreu

Enfermeira do Programa de Residência Multiprofissional em saúde com ênfase em Atenção Básica/Saúde na Universidade Feevale.

Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/5367509563641462>

Maristela Cássia de Oliveira Peixoto

Mestre e Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale.

Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/4067287415762416>

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo identificar a percepção do Agente Comunitário de Saúde acerca da violência doméstica contra a mulher. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo, realizado com 10 Agentes Comunitários de Saúde que atuam em uma Unidade de Saúde da Família de um município da região do Vale do Rio dos Sinos no estado do Rio Grande do Sul. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de entrevista semiestruturada com perguntas abertas e fechadas, no período de outubro a novembro de 2020. Utilizou-se a análise de conteúdo temática, resultando em três categorias: Culpabilização da vítima; Ineficácia da justiça e; Atenção Primária à Saúde como porta de entrada para as mulheres vítimas de violência doméstica. A partir da

análise dos dados constatou-se a necessidade de promover estratégias de enfrentamento da violência doméstica contra a mulher, através do investimento de programas de educação continuada e permanente aos profissionais envolvidos direta e indiretamente no atendimento das mulheres vítimas desta violência, assim como investimentos no fortalecimento da rede de atenção, a fim de qualificar a assistência às mulheres vítimas desta violência.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Doméstica. Violência contra a Mulher, Agente Comunitário de Saúde, Atenção Primária à Saúde.

DOMESTIC VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE PERCEPTION OF THE COMMUNITY HEALTH AGENT

ABSTRACT: This study aims to identify the perception of the Community Health Agent about domestic violence against women. This is a descriptive qualitative study, conducted with 10 community health agents working in a Family Health Unit in a city of Rio dos Sinos Valley region in the state of Rio Grande do Sul. The data were collected through the application of semi-structured interviews with open and closed questions, in the period from October to November 2020. We used the thematic content analysis, resulting in three categories: victim blaming; Ineffectiveness of justice and; Primary Health Care as a gateway for women victims of domestic violence. From the data analysis it was found the need to promote coping strategies of domestic violence against women, by investing continuously and continuing education programs for direct professional and indirectly involved

in the care of women victims of violence, as well as investments in strengthening the care network in order to qualify assistance to women victims of this violence.

KEYWORDS: Domestic Violence, Violence Against Women, Community Health Workers, Primary Health Care.

1 | INTRODUÇÃO

Considera-se violência intrafamiliar/doméstica aquela “[...] que ocorre entre parceiros íntimos e entre membros da família, principalmente no ambiente da casa, mas não unicamente [...]” (MINAYO, 2006, p. 80). Entende-se, ainda, a violência doméstica como toda e qualquer ação ou omissão que venha a prejudicar o bem-estar, a integridade física, psicológica, liberdade e/ou o direito pleno ao desenvolvimento de outra pessoa da família (BRASIL, 2016). Salieta-se que a violência doméstica não se limita ao espaço físico onde a violência ocorre, ela também diz respeito às relações em que se constrói e se efetua.

Logo, ela pode ser acometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, ou por pessoas que vieram a assumir função parental, mesmo que sem laços consanguíneos, ou ainda por outros membros do convívio familiar sem função parental, mas que convivam no ambiente doméstico, tais como, empregadas (os) domésticas (os) e agregados (MINAYO, 2006; BRASIL, 2016).

A Atenção Primária à Saúde (APS) é a principal porta de entrada do SUS, bem como o centro de comunicação da Rede de Atenção à Saúde (RAS), devendo ser coordenadora do cuidado e ordenadora das ações e serviços. Logo, a APS constitui-se também como a principal porta de entrada para o atendimento de mulheres vítimas de violência e/ou em situação de violência doméstica. Para além, destaca-se que os espaços que contemplam a APS são privilegiados para identificar estas mulheres, principalmente, pela maior vinculação e proximidade com as usuárias (BRASIL, 2017; MOREIRA et al., 2014; SILVA et al., 2017).

Esta proximidade se dá pela inserção da APS nos territórios através da Estratégia de Saúde da Família (ESF), a qual é composta por uma equipe multiprofissional que possui, no mínimo, um médico generalista ou especialista em Saúde da Família (SF), um (a) enfermeiro (a) generalista ou especialista em SF, um auxiliar ou técnico de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Neste cenário, destaca-se o ACS pela sua atuação como principal elo entre a equipe de Saúde da Família, as famílias e os usuários (BRASIL, 2017; FILGUEIRAS; SILVA, 2011).

Ser membro da comunidade e integrar uma equipe de Saúde da Família torna o ACS um profissional estratégico na identificação de casos de violência doméstica contra a mulher. Porém, as dificuldades relacionadas ao reconhecimento da violência e da ação subsequente diante dos casos fazem com que estes profissionais sejam meros espectadores da violência, enquanto poderiam se tornar atores sociais junto a equipe de

saúde, atuando ativamente na prevenção e erradicação da violência doméstica contra a mulher em seus territórios (LIMA; PACHECO, 2016).

Com base nestas considerações, associadas a leituras referentes ao tema, questiona-se: qual a percepção do ACS acerca da violência doméstica contra a mulher? E, a fim de responder a questão apresentada, o objetivo do estudo foi identificar a percepção do ACS acerca da violência doméstica contra a mulher.

Espera-se que este estudo possa contribuir para o avanço do conhecimento nesta temática, e conseqüentemente, para a melhoria da assistência às mulheres vítimas de violência doméstica.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo descritivo, realizado em uma Unidade de Saúde da Família (USF) de um município da região do Vale do Rio dos Sinos no estado do Rio Grande do Sul (RS).

Os participantes do estudo foram ACS que atuam na USF alvo da pesquisa. A previsão era que todos os ACS participassem do estudo, o que contabilizaria um total de 15 profissionais. Entretanto, seguindo os critérios de exclusão pré-estabelecidos no projeto da pesquisa, indivíduos menores de 18 anos, que estejam atuando como ACS há menos três meses e, aqueles que não concordarem em participar do estudo e não assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Mesmo com as perdas, esse número de entrevistados permitiu a saturação dos dados, que ocorre em um dado momento da pesquisa em que nenhum dado novo é obtido. (GLASER; STRAUSS, 1967 apud MINAYO, 2017, p. 5). Desse modo, obteve-se a participação de 10 ACS na pesquisa.

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de entrevista semiestruturada com perguntas abertas e fechadas, no período de outubro a novembro de 2020. Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática proposta por Minayo, a qual se divide em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento/ interpretação dos resultados obtidos. (MINAYO, 2010).

A pré-análise consiste na leitura e análise do material de pesquisa escolhido, que se constitui a partir de três fases: da leitura flutuante; da constituição do corpus e; da formulação e reformulação de hipóteses e objetivos. Na segunda etapa, a de exploração do material, analisa-se individualmente cada depoimento coletado, extraindo palavras, frases ou expressões significativas, que serão categorizadas de forma temática conforme a similaridade do seu conteúdo e o tema em comum. Após isso, busca-se através da generalidade dos relatos entender os aspectos mais comuns de todos os depoimentos, sendo a partir destes dados possível então propor inferências e realizar interpretações, relacionando-as com o quadro desenhado inicialmente e, por fim, a análise dos significados identificados, com o objetivo de interpretar a essência da fala do entrevistado. Concluindo assim, a terceira e última etapa da análise. (MINAYO, 2010).

Esta pesquisa seguiu todos os aspectos éticos conforme as determinações da Resolução de nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS), 2012). A coleta de dados iniciou somente após a aprovação do projeto pelo do Núcleo Municipal de Educação em Saúde Coletiva (NUMESC) do município em questão e posteriormente da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa CEP da Universidade Feevale sob registro CAAE: 36921020.4.0000.5348 e parecer nº: 4.296.777 em 24 de setembro de 2020. Nesta pesquisa, foi garantido o sigilo sobre os dados de identificação dos participantes, para tal, os participantes foram identificados com codinomes de flores.

3 I RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação ao perfil dos ACS que participaram da pesquisa, a média de idade dos participantes foi de 39 anos, em relação ao nível de escolaridade houve um predomínio de ensino médio completo. E, em relação ao tempo de atuação como ACS há uma variável de tempo, onde se tem profissionais que trabalham há mais de dez anos, juntamente com profissionais que estão inseridos há pouco mais de dois anos na USF.

A partir do conteúdo das entrevistas, emergiram três categorias temáticas: Culpabilização da vítima; Ineficácia da justiça e; Atenção Primária à Saúde como porta de entrada para as mulheres vítimas de violência doméstica. A seguir apresenta-se os resultados e as respectivas discussões de cada categoria.

3.1 Culpabilização da vítima

Cerqueira e Coelho (2014, p. 2) retratam a violência de gênero como um “reflexo direto da ideologia patriarcal, que demarca explicitamente os papéis e as relações de poder entre homens e mulheres”. Consequentemente ao patriarcalismo surge a cultura machista, sendo disseminada de forma implícita e/ou explícita, na qual a mulher é considerada objeto de desejo e propriedade do homem o que, por fim legítima e alimenta diversos tipos de violência. Os autores afirmam que isso ocorre por dois caminhos: pela culpabilização da vítima pelo próprio ato que ela foi acometida e, concomitantemente colocando o executor de tal ato como a vítima, ou seja, inversão de papéis e culpabilização da vítima e; “[...] pela reprodução da estrutura e simbolismo de gênero dentro do próprio Sistema de Justiça Criminal (SJC), que vitimiza duplamente a mulher” (CERQUEIRA; COELHO, 2014, p. 2).

Em confirmação a isso cita-se os resultados divulgados em 2016 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Datafolha, de uma pesquisa realizada com a população brasileira sobre a percepção da violência sexual e o atendimento a mulheres vítimas de estupro nas instituições policiais. Esta pesquisa reflete o quanto a mulher é culpabilizada pelo crime de violência sexual ao identificar que um terço da população brasileira, entre homens e mulheres, atribui a causa do estupro como uma consequência

do comportamento da mulher, os quais afirmam que as mulheres que se dão ao respeito não seriam estupradas. Esta culpabilização acaba por afastar as vítimas de realizar e/ou dar prosseguimento com a denúncia do crime, além do péssimo atendimento e a falta ou nenhuma capacitação dos profissionais para essa demanda. De acordo com os resultados da pesquisa, 50% dos brasileiros desacreditam que a Polícia Militar esteja preparada para atender estas mulheres e 42% dizem o mesmo da Polícia Civil. (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DE PESQUISA DATAFOLHA, 2016).

Percebe-se nas falas a seguir o sentimento de culpabilização da vítima pela violência sofrida e falta de ação pelo ato sofrido.

"[...] as pessoas não sabem o potencial que tem, tem muita gente que não acredita em si, mas tem muito potencial. E, se permite viver uma vida de flagelo em cima de uma violência doméstica, isso é muito ruim" (Azaleia).

"[...] A maioria eu acho que elas gostam, elas gostam de ficar naquela situação delas ali, porque a maioria [...] tem como sair, tem outras que não, mas [...] a maioria tem como sair e não sai porque elas não querem" (Orquídea).

"[...] elas fazem bastante (denúncia). Daí ao mesmo tempo tem muita mulher que dá parte e daí depois [...] ganham um presentinho e volta atrás. [...] vai lá e retira, porque ele pode ser preso né. [...] então a mulher parece que, no geral assim, perdeu muito a credibilidade por causa disso, daí as pessoas, até a gente (ACS) fica meio sabe, será que? [...] vida de marido e mulher não se mete a colher, tu deve se meter, eu acho que deve se meter até um certo ponto, mas muito não assim, porque elas voltam, sabe, daí perdeu muita credibilidade por causa disso [...]" (Cravo).

"[...] eu ainda considero que é falta de amor próprio, como não aprenderam a se amar, elas automaticamente se submetem aquilo (violência doméstica)" (Lírio).

A violência, bem como a discriminação de gênero contra as mulheres é identificada como uma cultura arraigada, institucionalizada e imposta há décadas. Sabe-se que a sociedade ainda cultiva valores e ações que incentivam a violência, o que mostra a necessidade de tornar a consciência de que a culpa é de todos. O fundamento é cultural e que perpassa da desigualdade o que resulta em uma relação de poder, ou seja, de dominante e dominado. Tais posturas acabam sendo afirmadas e reafirmadas pelo Estado e pela sociedade, sendo assim percebe-se o absoluto descaso com a violência doméstica contra a mulher (DIAS, 2007; HADDAD, 2017).

A cultura patriarcal, naturalizada e legitimada está presente em aulas, propagandas, no meio jurídico através de publicações, ações e decisões judiciais, bem como no senso comum, o qual atribui à mulher a culpa pela violência sofrida (PESSOA, 2017). Logo, constata-se que a culpabilização da vítima está entrelaçada em nossa cultura, não sendo exclusividade de uma parcela de pessoas da sociedade. Para além, salienta-se a

necessidade de uma reestruturação das políticas públicas em todos os âmbitos, além da inserção da temática sobre violência contra a mulher nos ambientes escolares, bem como na formação acadêmica de profissionais envolvidos na assistência destas mulheres. Visto que a ausência desta abordagem leva ao direcionamento e tomada de decisões baseadas somente nas questões objetivas dos casos, daquilo considerado tangível, o que leva os profissionais a desconsiderarem a subjetividade presente em cada situação.

3.2 Ineficácia da justiça

Os participantes apontam que as mulheres vítimas de violência disponibilizam de poucos recursos, as quais quando buscam os meios legais através da denúncia em delegacias e o acionamento da Lei Maria da Penha, elas encontram inúmeros percalços no caminho, entre os quais destaca-se o julgamento e a culpabilização da vítima por parte de quem deveria acolhe-la e conduzi-la para ao melhor desfecho. Tais constatações que exemplificadas nas falas a seguir.

“Ao meu ver assim, eu acho importante a mulher procurar ajuda, só que ao mesmo tempo eu considero um pouco mais perigoso, porque dependendo do parceiro que ela tenha né, que ela esteja sofrendo essa violência, a ajuda que ela for procurar muitas vezes é vista com outros olhos né, dependendo a pessoa [...] que atendeu ela, que fez o primeiro atendimento muitas vezes, faz um julgamento com a mulher culpando ela, que a maioria dos casos que a gente ouve falar é isso. Então eu acho [...] essa parte difícil da mulher fazer por conta disso, por conta do julgamento [...] da pessoa que está atendendo, o profissional que está atendendo ela, que muitas vezes ao invés de ajudar de dar apoio para essa mulher, acaba colocando a autoestima dela mais para baixo ainda” (Girassol).

“Olha, eu já vi algumas que tiveram coragem de ir, pedir ajuda na delegacia [...] e ficou enrolado até agora, tipo (ela) [...] foge do ex companheiro e tudo, tem a medida preventiva, mas eles não respeitam [...] e daí elas acabam que meio que fugindo sempre porque elas têm medo, [...] de que elas sabem que eles não vão respeitar a medida protetiva né, então elas acabam indo morar em outro lugar e fugindo sempre de medo” (Tulipa).

“E infelizmente tu não ganha o apoio lá (delegacia) (tristeza na voz). Tu não ganha assim, é complicado a gente falar, deveria ser, mas eu já fui acompanhar uma que a delegada riu da cara dela, então é complicado isso, sabe se torna triste para a gente, porque tu está levando a pessoa para buscar um apoio onde não tem [...]” (Lírio).

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência, publicada em dezembro de 2019, a qual aborda a percepção das brasileiras sobre a violência doméstica e familiar contra a mulher. Esta pesquisa revela que aproximadamente 36% das brasileiras já sofreram violência doméstica ao longo de suas vidas. Destas mulheres, cerca de 24% ainda convivem com o agressor,

34% dependem dele economicamente e 31% afirmam não terem feito nada em relação a última violência sofrida. Destaca-se, que somente 32% destas mulheres procuraram alguma delegacia, a fim de realizar uma denúncia formal da violência sofrida e, apenas um quarto das mulheres vítimas desta violência buscaram atendimento de saúde após agressão (INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO, 2019).

Alves e Oliveira (2017, p. 66) consideram “[...]assustador e inacreditável constatar que, em pleno século XXI, uma parcela considerável das mulheres não denuncia os crimes por medo ou vergonha [...]”. A opressão, julgamento e discriminação a qual a mulher é submetida a leva a assumir uma culpa que não é sua, bem como a responsabilidade do crime que ela foi acometida. A denúncia da violência deveria ser um recurso utilizado pelas vítimas, principalmente pelo seu fundamento de trazer a responsabilidade o autor de seus crimes, entretanto na prática não é algo factível, sendo assim a ausência de denúncia favorece a perpetuação e a repetição da violência contra a mulher. (ALVES; OLIVEIRA, 2017).

Salienta-se que, para que as mulheres realizem as denúncias se faz necessário que o Estado ofereça condições mínimas para isso, tais como proteção, segurança e a garantia de seus direitos constitucionais. Além disso, sabe-se que as estruturas de delegacias são burocráticas e sobrecarregadas, logo o resultado prático da denúncia demora a aparecer e ainda existe o risco de o registro do Boletim de Ocorrência ser negado por falta de provas, pois a palavra da mulher por vezes não é suficiente. (ALVES; OLIVEIRA, 2017).

3.3 Atenção primária à saúde como porta de entrada para as mulheres vítimas de violência doméstica

Para os participantes a APS, em especial as USF, constituem-se em um dos locais mais procurados pelas mulheres durante a sua vida em busca de assistência à saúde, através, por exemplo, assistência relacionada ao planejamento familiar, a realização de exames preventivos, a realização e acompanhamento de pré-natal, aplicação de vacinas, entre outros. Logo, destacou-se que a procura da mulher por este serviço não a coloca em evidência para seu parceiro, o qual não associa a USF como um local de denúncia da violência doméstica e/ou que envolve a polícia e/ou outros serviços distintos da saúde. Tais constatações que são exemplificadas nas falas a seguir.

“Eu acho que do jeito que está hoje, como USF é sim, porque elas já sentem que a gente abrange toda família, não é só ela como indivíduo, é a família inteira. [...] e, porque ele (o parceiro), muitas vezes ele já veio junto, então, eu acho que aqui [...] uma forma bem mais prática e rápida de conseguir um socorro para elas. [...] pra mim a parte mais difícil assim, é tu tocar no assunto na casa da pessoa, com ela, porque para mim é mais fácil dizer assim, quem sabe tu vai na unidade, conversa com as meninas, porque aqui já é mais neutro, é um território neutro, e lá não, lá o território é deles” (Gérbera).

“Ela é uma referência (USF), porque as vezes elas não acham que aquilo é uma violência doméstica, que aquela depressão que elas estão entrando, daí elas vão por aqui (USF), elas chegam a uma resolução” (Alecrim).

“[...] aqui é um lugar de consulta e coisas, nada a ver com polícia essas coisas, sim com certeza que, até [...] algumas que se abrem com vocês [...] (Jasmim).

As instituições de saúde se tornaram uma referência, sendo uma das principais portas de entrada das mulheres para o relato e/ou denúncia da situação de violência em que vivem ou viveram, sobretudo as USF. Neste contexto, o profissional que acolher esta mulher dentro das instituições de saúde, deve ter uma atitude acolhedora, digna, ética e respeitosa, pois este é um momento de grande vulnerabilidade para essas mulheres (BAPTISTA et al., 2015).

Os ACS devem residir no mesmo território em que a ESF está inserida, logo são os profissionais da equipe de saúde que estão mais próximos da população adscrita, vivenciando a realidade da comunidade diariamente. Com isso, eles acabam tendo acesso a informações privilegiadas e fundamentais sobre os usuários e suas famílias, os permitindo ter um contato direto sobretudo com a violência doméstica (SCARANTO; BIAZEVIC; MICHEL-CROSATO, 2007; FONSECA et al, 2009). Logo, o ACS se torna o elo principal entre a USF e a comunidade, conforme observa-se na fala a seguir.

“[...] muitas [...] me chamam para contar o que está acontecendo, que a gente, o agente de saúde vira um confidente para eles, então perguntam, e daí geralmente, assim, será que lá no posto eu encontro ajuda que eu necessito? Eu disse sim, vai, conversa, daí digo, se é da minha área, digo vai conversar com o enfermeiro tal, [...] que eles vão saber te dar uma luz, mas eles procuram, procuram o agente de saúde para procurar a unidade. [...]. Primeiro o agente de saúde, para depois procurar a unidade. Eu creio que a gente passa tipo uma segurança para eles [...]” (Hortência).

Os ACS, entre outras atribuições, destacam-se seu papel essencial no desenvolvimento de atividades de promoção e prevenção da saúde, de vigilância em saúde através das visitas domiciliares e de ações educativas tanto individuais como coletivas. Pela característica do ACS morar no território, sua atuação tem por base a vinculação e o conhecimento dos modos e hábitos dos usuários e família, pactuando ações mais tangíveis e eficazes para essa população, tendo por base as reais necessidades de saúde, garantindo assim a integralidade do cuidado (BRASIL, 2017; TRAVERSO-YÉPEZ, 2007).

Logo, salienta-se que a atuação dos ACS no enfrentamento da violência doméstica contra a mulher é de suma importância, pois através das visitas domiciliares que a maioria das violências são identificadas e/ou denunciadas. Logo, sem as visitas dos ACS e de seu conhecimento e inserção no território, certamente os casos e as situações de violência doméstica permaneceriam encobertos, favorecendo assim para a invisibilidade

e o silenciamento do problema, bem como da naturalização da violência vivenciada pela mulher (JARDIM; LANCMAN, 2009; DAHMER, 2012).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A culpabilização da vítima está arraigada em nossa sociedade e em nossa cultura, tal qual que se evidenciou nesta pesquisa como sendo a temática mais citada entre os participantes. Logo, a desconstrução patriarcal e da cultura machista se faz necessária e urgente. Além disso, estas constatações reforçam a necessidade de promover estratégias de enfrentamento dessas situações, investindo em programas de educação continuada e permanente aos profissionais envolvidos direta e indiretamente no atendimento das mulheres vítimas de violência doméstica, assim como investimentos no fortalecimento da rede de atenção, a fim de qualificar a assistência às mulheres vítimas desta violência.

Os serviços e as instituições de saúde correspondem a um dos locais mais privilegiados para a identificação dos casos de violência, de tal forma que possuem um papel fundamental na definição e articulação dos serviços e setores, que de forma direta e/ou indireta atendem às situações de violência contra a mulher. Entretanto, apesar de constatado este importante papel das equipes de saúde, o que inclui o ACS, destaca-se a nítida descrença dos profissionais entrevistados na rede e em como ela se articula, bem como nos instrumentos legais existentes e os recursos para os casos de violência contra a mulher. Tal postura que se justifica, principalmente pela ineficácia da justiça, da falta de suporte a vítima durante e após a denúncia e pelos constantes retornos das vítimas para com seus parceiros ou ex-parceiros. Considera-se que essa descrença na rede e na justiça pelos entrevistados pode ser associada ao desconhecimento do papel ativo que os profissionais possuem na definição e na articulação da rede.

Para uma mudança efetiva sugere-se uma maior articulação entre os serviços que compõem a rede de enfrentamento e combate à violência contra a mulher, os quais devem priorizar a assistência à vítima de forma integral e humanizada, prezando por um bem maior que é a vida e a saúde da mulher.

Estas constatações evidenciam a magnitude da violência contra a mulher, o que a torna um problema de saúde pública a ser enfrentado. Além de, mostrarem a relevância da pesquisa sobre a temática de violência doméstica na APS sob a percepção do ACS. Logo, quanto mais plurais forem as pesquisas sobre o tema, maiores as possibilidades de fomentar políticas públicas, inclusive, na área da saúde, que venham ao encontro das perspectivas de erradicação da violência doméstica e de fortalecimento de mulheres, vítimas desta violência.

Ressalta-se que este estudo não esgota em sua totalidade a temática referente à violência doméstica contra a mulher, principalmente devido a sua complexidade. Contudo, espera-se que os resultados obtidos e as reflexões realizadas neste estudo contribuam

para o maior aprofundamento e conhecimento da temática, estimulando a promoção de ações e estratégias de enfrentamento da violência doméstica contra a mulher sob uma perspectiva mais acolhedora e humanizada e de uma melhor articulação de rede.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wiliana Alexandre; OLIVEIRA, Maria Tereza de. A Lei Maria da Penha e o enfrentamento à violência contra a mulher. In: NETO, Cornélio Alves de Azevedo; MARQUES, Deyvis de Oliveira (org.). **Leituras de direito: violência doméstica e familiar contra a mulher**. Natal: TJRN, 2017. p. 49-71. *E-book*. Disponível em: <https://www.amb.com.br/fonavid/files/livro-fonavid.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2020.

BAPTISTA, Rosilene Santos et al. **Violência sexual contra mulheres: a prática de enfermeiros**. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste. [S.l.], v. 16, n.0 2, p. 210-7, mar./abr. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/rene/article/download/2710/2094>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada**. 2. ed. Brasília, 2016. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf. Acesso em: 02 dez. 2020.

BRASIL. **Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudeflegis/gm/2017 prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 02 dez. 2020.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)**. Brasília, DF: Instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA), 2014. (Nota Técnica, n. 11). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5780/1/NT_n11_Estupro-Brasil-radiografia_Diest_2014-mar.pdf. Acesso em: 04 dez. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <http://conselho.sau.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

DAHMER, Edilene Beatriz. **Desafios e potencialidades do trabalho do agente comunitário de saúde diante da violência doméstica contra as mulheres no município de Matinhos – Paraná**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Questão Social) – Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, Matinhos: Paraná, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45436/R%20-%20E%20-25%20EDILENE%20BEATRIZ%20DAHMER.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 dez. 2020.

DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na justiça: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

FILGUEIRAS, Andréa Sabino; SILVA, Ana Lúcia Abrahão. **Agente Comunitário de Saúde: um novo ator no cenário da saúde do Brasil**. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 03, p. 899-915, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v21n3/08.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da et. al. **Violência doméstica contra a mulher na visão do agente comunitário de saúde**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, v. 17, n. 06, nov./dez.2009. Não paginado. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n6/pt_08.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DE PESQUISA DATAFOLHA. **Percepção sobre violência sexual e atendimento a mulheres vítimas nas instituições policiais.** São Paulo, set. 2016. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2017/01/FBSP_Policia_precisa_falar_estupro_2016.pdf. Acesso em: 04 dez. 2020.

HADDAD, Amini. Um necessário perfil de análise da lei maria da penha: diferenças entre discriminação de gênero e a discriminação em razão das identidades transgêneros e de orientação sexual. In: NETO, Cornélio Alves de Azevedo; MARQUES, Deyvis de Oliveira (org.). **Leituras de direito:** violência doméstica e familiar contra a mulher. Natal: TJRN, 2017. p. 209-230. *E-book*. Disponível em: <https://www.amb.com.br/fonavid/files/livro-fonavid.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher:** pesquisa DataSenado. Brasília, dez. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/violencia-contra-a-mulher-agressoes-cometidas-por-2018ex2019-aumentam-quase-3-vezes-em-8-anos-1>. Acesso em: 06 dez. 2020.

JARDIM, Tatiana de Andrade; LANCMAN, Selma. **Aspectos subjetivos do morar e trabalhar na mesma comunidade:** a realidade vivenciada pelo agente comunitário de saúde. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v.13, n.28, p.123- 35, jan./mar. 2009. Disponível em: https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/BDPI/9116/art_LANCMAN_Aspectos_subjetivos_do_morar_e_trabalhar_na_2009.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 dez 2020.

LIMA, Nayara de Jesus Souza de Oliveira; PACHECO, Leonora Rezende. **Violência doméstica contra a mulher na perspectiva de agentes comunitários de saúde.** Rev. enfermagem UFPE online, Recife, v. 10, p. 4279-85, nov. 2016, supl. 05. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11174/12710>. Acesso em: 02 dez. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias.** Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, v. 05, n. 07, p. 01-12, abr. 2017. Disponível em: <http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59>. Acesso em: 02 dez. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz. 2006. Ebook. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020

MOREIRA, Tatiana das Neves Fraga et al. **A construção do cuidado:** o atendimento às situações de violência doméstica por equipes de Saúde da Família. Saúde Soc. São Paulo, São Paulo, v.23, n.3, p.814-827, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/88568/91452>. Acesso em: 02 dez. 2020.

PESSOA, Adélia Moreira. 11 anos da Lei Maria da Penha: avanços e desafio. In: NETO, Cornélio Alves de Azevedo; MARQUES, Deyvis de Oliveira (org.). **Leituras de direito:** violência doméstica e familiar contra a mulher. Natal: TJRN, 2017. p. 331-357. *E-book*. Disponível em: <https://www.amb.com.br/fonavid/files/livro-fonavid.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2020.

SCARANTO, Catarina Antunes Alves; BIAZEVIC, Maria Gabriela Haye; MICHEL-CROSATO, Edgard. **Percepção dos Agentes Comunitários de Saúde sobre a Violência Doméstica contra a Mulher.** Psicologia ciência e profissão, v. 27, n. 04, p. 694-705, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n4/v27n4a10.pdf>. Acesso em: 12 dez 2020.

SILVA, Neuzileny Nery Ferreira et al. **Atuação dos enfermeiros da atenção básica a mulheres em situação de violência**. *Enferm. Foco*, Brasília, v. 08, n. 03, p. 70-4, 2017. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/1290/403>. Acesso em: 02 dez. 2020.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha A. **Dilemas na promoção da saúde no Brasil: reflexões em torno da política nacional**. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v.11, n.22, p.223-38, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v11n22/04.pdf>. Acesso em 16 dez. 2020.

SOBRE O ORGANIZADOR

LUIS HENRIQUE ALMEIDA CASTRO - Possui graduação em nutrição pela Universidade Federal da Grande Dourados concluída em 2017 com a monografia “*Analysis in vitro and acute toxicity of oil of Pachira aquatica Aublet*”. Ainda em sua graduação, no ano de 2013, entrou para o Grupo de Pesquisa Biologia Aplicada à Saúde sendo um de seus membros mais antigos em atividade realizando projetos de ensino, pesquisa e extensão universitária desde então. Em 2018 entrou no Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal da Grande Dourados com o projeto de pesquisa: “Avaliação da Toxicidade Reprodutiva Pré-clínica do Óleo da Polpa de Pequi (*Caryocar brasiliense* Camb.)” no qual, após um ano e seis meses de Academia, obteve progressão direta de nível para o Curso de Doutorado considerando seu rendimento acadêmico e mérito científico de suas publicações nacionais e internacionais; além disso, exerce no mesmo Programa o cargo eletivo (2018-2020) de Representante Discente. Em 2019 ingressou também no Curso de Especialização em Nutrição Clínica e Esportiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Atua desde 2018 enquanto bolsista de Pós-Graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) desenvolvendo pesquisas em duas principais linhas de atuação: nutrição experimental, na qual desenvolve estudos farmacológicos e ensaios de toxicidade com espécies vegetais de interesse para a população humana; e, nutrição esportiva, no tocante à suplementação alimentar, metabolismo energético, fisiologia do exercício e bioquímica nutricional. Atualmente é revisor científico dos periódicos *Journal of Nutrition and Health Sciences*, *Journal of Human Nutrition and Food Science* e do *Journal of Medicinal Food*. É ainda membro do Corpo Editorial do *Journal of Human Physiology* e membro do Conselho Técnico Científico da própria Atena Editora.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agente Comunitário de Saúde 190, 199, 200
Aleitamento Materno 70, 71
Apoio Social 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
Assistência de Enfermagem 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 144
Atenção Primária em Saúde 69
Avicultura 147, 150, 151, 153

B

Bem-Estar Animal 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

C

Câncer de Próstata 100, 101
Ciência dos Dados 34, 35, 36, 37, 39, 40
Cirurgia Bariátrica 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117

D

Desmame Precoce 70
Desperdício de Alimentos 145, 147, 148, 151, 153

E

Especialidade Médica 26, 27, 28, 32, 33
Estados Unidos da América 119
Estudante de Medicina 32

F

Filariose Linfática 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 56

G

Gestante 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 189
Gestão Hospitalar 34

H

Hanseníase 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144
Hospital Universitário 37, 40, 123, 173, 174, 176

I

Informação em Saúde 127, 173, 174, 176

N

Novembro Azul 100

O

Obesidade Mórbida 102, 103, 104, 113, 115

Organização Internacional do Trabalho 120

Orientação Profissional 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33

Outubro Rosa 95, 96, 97, 98

P

Parto 175, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189

Prevenção Primária 96, 100

Profissionais de Saúde 60, 67, 74, 75, 79, 81, 93, 96, 97, 101, 113, 114, 115, 117, 118, 122, 156

Psicologia 24, 26, 29, 30, 31, 33, 55, 59, 121, 200

R

Roda de Conversa 19, 70, 72, 73, 74, 79, 114

S

Saúde da Mulher 72, 95, 96, 97, 198

Saúde do Homem 57, 58, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 99, 100, 101

Síndrome de Burnout 118, 119, 120, 121, 122

Sistema de Saúde 60, 63, 113, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 155, 156, 175, 187

Sistema Único de Saúde 27, 54, 67, 185, 199

U

Unidade Pediátrica 72, 73, 74, 79

V

Violência Contra a Mulher 195, 196, 198, 199

Violência Doméstica 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200

Dinamismo e Clareza no Planejamento em Ciências da Saúde

5

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Dinamismo e Clareza no Planejamento em Ciências da Saúde

5

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br